

4. Transitoriedade

Retomando o historiador Luís Antônio Simas, na aula realizada em pleno Largo do Estácio, uma de suas observações sobre aquele bairro produziu em mim certo incômodo. Ao situar geograficamente o Estácio como um ponto de interseção entre o centro da cidade (acessando pela Rua Frei Caneca), a zona norte (pela Dr. Sataminni ou a Praça da Bandeira), a zona sul (pelo elevado ou a Av. Paulo de Frontin) e a zona oeste, (pela Francisco Bicalho e Av. Brasil), Simas afirmava com a singularidade da sua fala que aquele ponto era na verdade “uma grande encruzilhada” na Cidade do Rio de Janeiro. Sem necessariamente nos atermos ao aspecto religioso que o historiador – a meu ver – pertinentemente agrega a sua linha filosófica, podemos notar o quão é clara e verdadeira sua comparação.

Se pensarmos tão somente ao que tange à questão cultural, iniciada ali nos anos vinte de 1900, não é difícil perceber que aquele caldeirão em que se produziam grandes sambas por artistas até então sem expressão no cenário artístico nacional, fervilhou, transbordou e serviu a muita gente, sendo tão consumido, que o núcleo daquele movimento se viu quase que definitivamente consumado. Quase porque na verdade a obra resiste, mas o processo criativo emperrou. Em parte, pela fragilidade quanto à saúde dos corpos daqueles jovens, que tão cedo morriam por doenças como tuberculose e sífilis. Reflexo direto da própria deficiência de um sistema de saúde pública, que como tudo naqueles primeiros anos do século XX ainda patinava em busca de estruturação.

Aliado a isto, as condições as quais se viam envolvidos aqueles rapazes, desde sua constante visitação às meninas do mangue, musas inspiradoras, a sua incondicional asserção ao universo da malandragem. Assim, quando não apenas estavam expostos ao sereno das madrugadas, ao cigarro, ao jogo e à bebida, ou em companhia de alguma polaca, podiam abreviar suas vidas em fios de navalha, como possível resultado de confusões provenientes dessas mesmas fontes.

No entanto, algo poderia ser considerado fator preponderante sobre os aspectos apresentados. Um movimento paradoxalmente tão forte em sua formação

e ao mesmo tempo tão frágil em sua manutenção estaria propenso a invasões de toda sorte. Desde que aqueles compositores desandaram a produzir suas obras, como num surto benigno contrariando a probabilidade mais comum, que eram as endemias daquele período, olhares de todas as direções se voltaram para aquele ponto renegado da cidade. Daí em diante, várias tramas vão sendo articuladas com propósito único de se tirar proveito daqueles pseudoartistas e sua arte inquestionavelmente inovadora.

Não foram poucos os casos de usurpação de obras daqueles rapazes por nomes consagrados no cenário musical. E para muitos era simplesmente intragável o sucesso que saltava aos olhos da sociedade, daquele bando de mulatos vadios, com suas letras, melodias e batuque a ostentar seu modo de vida, num estado de fruição tão sincero quanto realmente importante para afirmação de sua identidade.

Como maresia que de forma invisível deteriora o que se encontra ao seu alcance, entranhando-se nas porosidades da superfície para avançar corpo adentro, devastando e fazendo ruir, o Estácio assistiu a invasão de suas estruturas como algo irreversível. Do ápice de seu movimento ao desintegrar dele, apenas a certeza de que quase tudo é transitório por aquelas bandas. Não que isso seja um “privilégio” do lugar, mas que o acompanha feito um carma. Isto, sim, parece bastante notório.

Muito pouco restou para manter a história de “berço do samba”. No entanto, como consta em outros momentos deste texto, conscientemente ou não, o fato é que algumas estratégias foram utilizadas no futuro, por determinados atores, para que “a silenciosa morte do Estácio”, denunciada por Humberto Franceschi, não apagasse totalmente as marcas que aquela geração forjara durante sua história de cerca de três anos. Entretanto o próprio Franceschi descreve o que sob sua ótica determinou a extinção daquele movimento.

O Estácio acabou no momento em que alguns integrantes, vindos de fora, acharam que não deveria ser apenas samba o que se fazia ali. Mas era. Ninguém se deu conta de que a união livre existente entre seus compositores, por um momento chamada de escola de samba, nunca poderia ser rancho. Não teria como mudar. Sua organização social e psicológica era outra, não tinha por que obedecer a normas e preceitos convencionais que não atingiam sua camada social, a mais baixa de todas. (FRANCESCHI, 2010, p.189)

A união livre a qual se refere Franceschi, nada mais era do que o agrupamento carnavalesco em forma de bloco, em que seus componentes traduziam seu estilo de vida ao desfilar, com versos e melodias simples, cujo conteúdo era a sublimação de suas histórias. Era uma espécie de crônica dos dias de quem vivenciava aquele universo e a exibia sob o ritmo cadenciado de uma batucada incomparável.

A conversão do bloco em rancho decretava não apenas a extinção do primeiro, mas também a supressão do outro, em virtude da própria incompatibilidade de linguagens. Não havia como num processo antropofágico um assimilar o outro e se reinventar a partir disso. Pelo contrário, o que sucedeu – e não havia como ser diferente – foi que o bloco, embora constituísse um organismo gerado com extrema pujança – não resistiu à contaminação de um corpo estranho à sua natureza, que o devorou e o levou à morte. Este, entretanto, por desconhecer a potência do corpo do qual se apropriava, e pela sua debilidade em digeri-lo, findou sem muita resistência pouco tempo depois.

Não havia nada que os pudesse ligar e, menos ainda, fazer um absorver o outro. A transformação de bloco em rancho quebrou a união livre que era toda a sua força, e o desastre da absorção foi inevitável. Esse enorme equívoco destruiu, em poucos meses, a fonte criadora da melhor música popular que o Brasil já teve. (Idem).

Enquanto essa página se fechava no coração do Estácio, o samba ganhava corpo em Mangueira, Osvaldo Cruz e por onde mais se possa imaginar. Ganhava corpo e novos atores, muitos dos quais, quando não oriundos do próprio movimento do Estácio, embebecidos pelo que puderam absorver do manancial da antiga Capuerussu ou, mais recentemente, das margens do mangue. Dali levaram para outras estâncias o modelo de samba que se consolidaria singularmente como samba carioca.

No alto do São Carlos, no entanto, o samba não sucumbiu à extinção da Deixa Falar. A Vê se Pode e a Cada Ano Sai Melhor cumpriam seus papéis de escolas de samba e formavam bambas no ritmo, nas composições e no bailado. Acelino dos Santos foi um deles, sendo o primeiro grande mestre-sala de uma escola de samba em desfiles de carnaval, defendendo a Cada Ano Sai Melhor.

Mais conhecido como Bicho Novo, do seu bailado posteriormente foram reproduzidas infindáveis formas de cortejo às porta-bandeiras em outras cortes.

Desfilou pela primeira vez como mestre-sala em 1925, na Cada Ano Sai Melhor, vestido de quimono, calça branca, boné e tênis. Logo virou uma referência do bailado. Bicho Novo era ainda da época em que o mestre-sala pegava a porta-bandeira em casa e depois do ensaio a levava de volta¹.

Conforme o artigo, apenas não parece proceder o ano de 1925, uma vez que a fundação da escola em questão consta em diversas fontes como sendo no ano de 1929. No entanto pode-se considerar que seja ainda referente a um período em que ela ainda era denominada Para O Ano Sai Melhor, ou mesmo algum equívoco de edição. O fato é que tal inconsistência sobre a data apenas vem exemplificar a dificuldade em se apurar fatos relativos a temas como este, sobre uma escola de samba que existira no alto do Morro de São Carlos, há quase um século. Até mesmo o próprio Bicho Novo, em entrevista ao historiador Carlos Nogueira, sofreria com a distância dos anos, ao iniciar se apresentando como Acelino dos Santos e informando que nascera “no dia 4 de dezembro de 1909”. Logo depois irá afirmar que “Com 16 anos, em 1929, fundei, junto com amigos, a escola de samba Cada Ano Sai Melhor.” Portanto, por razões como estas é que neste trabalho as datas não deixarão de ser fornecidas, até mesmo como um modo de pontuar os acontecimentos, porém jamais constituirão aspectos tão valiosos a ponto de causarem polêmicas significativas ou prevalecerem sobre os fatos.

Após mudar de nome por imposição das autoridades, a Vê se Pode passa a se chamar Recreio do São Carlos e no ano de 1955, juntamente com a Cada Ano Sai Melhor – que já havia sido Para O Ano Sai Melhor – e a jovem Paraíso das Morenas que havia sido criada em 1947, nas cores azul e rosa, fundam a Unidos de São Carlos. A nova agremiação ganha força com a união e passa a desfilhar nas cores azul e branca. Em seguida, a quadra sai do morro e se estabelece no asfalto. Em 1965, são adotadas as cores vermelho e branco, numa alusão à lendária Deixa Falar, claramente tentando (r)estabelecer um vínculo com esta. Há também uma versão para a adoção dessas cores defendida por pessoas antigas da escola, que seria uma manobra comercial em que as Casas da Banha, uma poderosa rede de

¹ <http://extra.globo.com/noticias/carnaval/carnaval-historico/bicho-novo-foi-primeiro-mestre-sala-do-carnaval-15204912.html>, em 18/02/2017.

supermercados da época, estariam fornecendo um patrocínio financeiro e suas cores estariam, portanto, servindo como vínculo entre ambas.

Por quase três décadas a Unidos de São Carlos produziu grandes carnavais, com enredos e sambas antológicos, marcando presença considerável nos desfiles, tanto no grupo A quanto no grupo B, muito embora no grupo principal não tenha conquistado nenhum título. No entanto, como faltasse mais algum elemento para maior solidez da escola, adota-se o nome de Estácio de Sá, em 1983. Desde então, a relação com a Deixa Falar passa a ser mais explorada no sentido de se valer do título de primeira escola de samba do Brasil, como mérito histórico e cultural e, por que não, como valor comercial.

Em função de problemas de toda ordem a escola conviveu com constantes mudanças de quadra, sem dúvida interferindo no seu próprio rendimento. Mas em 2002 sua localização é fixada na Rua Salvador de Sá, onde ainda permanece. Em mais uma manobra a fim de se buscar cada vez mais uma base sólida, em 2011 a escola passa a comemorar como data de aniversário, não mais em 27 de fevereiro – nascimento da Unidos de São Carlos –, mas o dia 28 de agosto, dia da fundação da Deixa Falar.

Antes disso, porém, o trinfo tão esperado. Em 1992 chegava finalmente o desejado título no grupo especial. A Estácio sinaliza como potência para os anos posteriores, mas cai numa instabilidade profunda e passa a oscilar desde então no cenário do carnaval. É rebaixada em 1997 e passa a sofrer o fantasma de novo rebaixamento, agora para o grupo de acesso B, o que aconteceria em 2004. Em 2006 retorna ao acesso A e no ano seguinte chega novamente ao grupo especial. Cai no ano seguinte para só retornar em 2016 e novamente ser rebaixada para o acesso A.

Neste olhar sobre a trajetória da escola de samba Estácio de Sá, percebe-se o quanto de alterações, deslocamentos e transformações a ela foram impostos, quase que como uma condição irrevogável para sua existência. Na verdade, um tanto atribulado, mas nada que não se oferecesse como um processo natural. Porém as vozes clamantes que comemoraram a minha iniciativa de narrar uma história pela qual (segundo eles) ninguém nunca se interessou não pararam de ecoar em meus pensamentos e custei a diagnosticar o que lamentavam.

A tão criticada “falta de memória do Estácio” passa na verdade por uma série de outras faltas, as quais são heranças de carências crônicas entranhadas na formação dessas populações. Predominantemente negras e economicamente fragilizadas, buscam essas pessoas apego às coisas mais simples que a vida possa lhes proporcionar. Simples como ouvir um batuque e soltar o corpo ao ritmo que ele pede. Em movimentos muitas vezes improvisados, mas precisos na sutura de muitos ferimentos da alma. Simples como vestir uma fantasia e se reconhecer uma personagem importante da história, ainda que por alguns minutos enquanto atravessa a avenida.

Passei a entender que ao falar de Estácio, como bairro, espaço físico, a discussão é bem mais complexa do que apenas se ater ao samba e assuntos recorrentes a ele relacionados. Quando me arrisco a apontar um caráter transitório ao bairro, tento ampliar o foco para fazer surgir em cena outros atores que puderam não ter envolvimento direto no samba, mas também compunham de alguma maneira uma parte da história dele. A forte presença de imigrantes judeus e outras etnias. Ciganos, italianos, enfim, povos que transitaram não só no asfalto, mas também habitaram as encostas dos morros do bairro. O próprio Dominginhos falara sobre uma partida de futebol muito esperada por todos que acompanhavam o futebol da região e que se realizava uma vez apenas, sempre no final do ano. Era de uma família italiana que detinha dois pontos de bicho, um no Morro e outro no asfalto. O jogo era Morro contra asfalto e segundo Dominginhos “o bicho pegava”. Pois esse transitar passava não só pelo aspecto da circulação meramente, mas por participação em diversas instâncias da formação do bairro.

Percebi que no fundo a grande queixa era simplesmente motivada por um sentimento comum ao ser humano, de não conseguir dominar a sensação de perda, seja ela por qual motivo for e de onde quer que possa vir. A memória reivindicada incide no que se perdeu e não se fez repor, nem foi reparado. No entanto, sabe-se também que nada tem de necessariamente ser reparado ou repostado. O tempo se encarrega de desbancar esses enigmas com os quais a mente humana historicamente trava duelos sem fim.

Distante de ser conhecedor de assuntos que envolvem a psicologia recorro a Freud e surpreendentemente sua análise me aponta uma direção. A palavra transitoriedade aparece como um conceito acerca do intervalo entre o momento da perda do objeto de desejo e a sua recuperação, ou a substituição dele por outro objeto. Ao comentar o comportamento de um amigo, um jovem poeta com quem caminhava pelo campo, Freud busca compreender o sentimento que afeta o rapaz.

O poeta admirava a beleza do cenário à nossa volta, mas não extraía disso qualquer alegria. Perturbava-o o pensamento de que toda aquela beleza estava fadada à extinção, de que desapareceria quando sobreviesse o inverno, como toda a beleza humana e toda a beleza e esplendor que os homens criaram ou poderão criar. Tudo aquilo que, em outra circunstância, ele teria amado e admirado, pareceu-lhe despojado de seu valor por estar fadado à transitoriedade. (FREUD, 1996, p. 317).

Creio que por muitos momentos estive também acompanhado por alguém que havia perdido a capacidade de compreender a passagem do tempo sobre as coisas. E da mesma forma como o poeta do texto de Freud, mais se incomodava com a perda do que com o vislumbre pelo porvir. Aliás, o olhar desta forma sobre o tempo presente já é o de um estado nostálgico. Daí a potencialização do sofrimento em detrimento de outras circunstâncias mais apreciáveis.

Uma das pessoas em quem mais pude perceber essa incompreensão foi o senhor Wanderley Caramba. Artista plástico, prendado em muitas habilidades, poeta, compositor, este senhor depois da única vez em que estive com ele, parece ter buscado um isolamento, indo residir na baixada fluminense, após tanta energia empreendida em torno do Morro de São Carlos, das escolas de samba e do carnaval. Aspectos envolvendo sua saúde foram salientados por alguns que conseguiam obter alguma informação dele, mas a verdade é que a impressão que ele deixou em mim, quando nos conhecemos, foi a de um homem cansado, que não conseguira para si o grau de reconhecimento alheio à altura do que imaginava merecer e se sente esgotado depois de tudo o que produziu.

Como eu já fiz declarado neste texto, Wanderley Caramba é uma unanimidade na Estácio e em toda a comunidade. Simplesmente nem tudo ocorre da forma como desejamos e as oportunidades não surgem para todo mundo como uma regra invariável. No entanto, sem se dar conta, ele veio durante sua trajetória

de vida, que é no mínimo acima do comum, conquistando esse reconhecimento e fazendo a narrativa de muitas outras memórias, mas principalmente das suas.

Lembro-me que naquela oportunidade ele contou-nos um caso de um tal bode que assombrava as pessoas no Morro, pois havia sido testemunhado por vários moradores que o chifrudo animal surgia pelas ruas fumando charuto. A história corria pela comunidade e o pavor se espalhava, pois estariam diante de uma personificação da besta em pleno Morro de São Carlos. Bastou, no entanto, alguém mais cético observar que o pobre animal era seduzido pelo fumo dos charutos que se serviam em despachos espíritas e saía pelas ruas mastigando o produto. Muitas vezes, tendo à boca o tabaco, sua imagem simulava a possibilidade, ainda que absurda, de o bode estar realmente fumando o charuto.

Ainda naquela ocasião ele falou sobre o livro Cidade de Deus e sua vida naquela comunidade, onde fundou a Acadêmicos da Cidade de Deus, bem como a Unidos de Jacarepaguá. Demonstrava uma certa mágoa por não ter sido mencionado em nenhum momento, nem no livro nem nos créditos do filme, embora tivesse fornecido fartas informações ao autor Paulo Lins. Entre tantas queixas pessoais se eleva inevitavelmente uma questão egótica, porém entendo que se trata apenas da falta de tato com a não compreensão do que se aborda neste momento, que é o conceito de transitoriedade. Talvez as palavras de Paul Ricoeur expressem um pouco do que, suponho, atenuaria tal sentimento alimentado por este senhor.

[...] é quando ele passa que medimos o tempo; não o futuro que não é, não o passado que não é mais, nem o presente que não tem extensão, mas “os tempos que passam”. É na própria passagem, no trânsito, que é preciso buscar ao mesmo tempo a *multiplicidade* do presente e seu *dilaceramento*. (RICOEUR, 1994, p.35).

Se pensarmos quantos momentos em nossas vidas já estivemos e ainda estamos sujeitos a toda sorte de alterações, se nem somos membros de uma velha guarda, nem somos artistas, se mesmo jovens ainda formos, com um pouco mais de reflexão talvez não nos encaixemos nesse vazio, cujo sentimento gerado pode conduzir da frustração para a melancolia em estados bem profundos. Penso que realmente um cuidado maior com as pessoas que produziram e ainda produzem

histórias em nome do São Carlos e do Estácio deve existir. E haver pessoas na comunidade – não necessariamente da escola –, que busquem essa consciência de manter viva a memória dessas personagens, através das mais variadas e possíveis maneiras de se fazê-lo, entendendo eu que a principal delas seja a mais simples: falando.

4.1. A escolha e o desfile

A noite de nove de outubro daquele ano de 2015 era aguardada com um sentimento comum a quase todos interessados naquela decisão, exceto para três dos concorrentes, obviamente: simplesmente confirmar o hino que representaria a escola na avenida. Desde a apresentação dos sambas já estava definida uma polarização incontestável entre os sambas de Edson Marinho e o de Dominginhos do Estácio, com seus respectivos parceiros. As duas apresentações causaram estrondosa comoção no público presente àquela ocasião e realmente mostraram que dali sairia o vencedor.

Fortalecidos pela conquista do ano anterior, cujo samba contribuíra com grande peso para a conquista do carnaval e a consequente ascensão ao grupo especial, Dominginhos e seus parceiros gozavam desse inegável prestígio e, além disso, tinham novamente um samba muito forte. Com ritmo vibrante e na “pegada” da bateria comandada por Mestre Chuvisco, notava-se claramente a comunhão perfeita criada por aqueles dois elementos.

Lembro-me num encontro com Dominginhos, pouco depois da entrega da sinopse para os compositores, de ele ter brincado com o também compositor Edson Marinho de já estar com um refrão que ia “incendiar” a quadra, ao que o outro negou querer ouvir, alegando “deixa quieto, já fez, deixa quieto que é melhor!”, enquanto o autor do refrão mostrava-se ansioso por exibir sua criação. Pois, na quadra, no dia da apresentação, pude constatar a expressividade do refrão, que suponho ser o qual ele se referiu naquela oportunidade.

A alvorada anuncia
Chegou o dia
Eu sou Estácio de Sá
A lua cheia clareia
Eu tô com Jorge
Nada vai me derrubar...

O que certamente ninguém poderia imaginar foi o prematuro corte daquele que era, inquestionavelmente, um dos francos favoritos. Tão estarecido quanto os próprios autores ficou o grande público que acompanhava semanalmente os cortes nas noites de sexta-feira, além de toda a comunidade do São Carlos e do

Estácio. Nos bares, nos dias posteriores ao ocorrido, o tema mais badalado era a inusitada eliminação do Dominginhos. Muitas eram as especulações, mas a verdade é que nenhuma delas oferecia um argumento capaz de dar conta da surpreendente decisão dos jurados. O fato é que não prevaleceu o prestígio nem o retrospecto do filho ilustre do São Carlos. Vigorou sobre todas as queixas indignadas o pensamento traçado pela equipe responsável pela criação e desenvolvimento do enredo.

No dia da apresentação do tema que conduziria a escola no carnaval 2016, feita pelos carnavalescos Chico Spinosa, Amauri Santos e Tarcísio Zanon, foi anunciado pelo primeiro destes que o foco seria a história de Jorge, homem, soldado e santo, bem como as lendas, curiosidades e mistérios que o envolvem. No entanto, as denominações decorrentes do sincretismo religioso no Brasil, como Ogum e Oxóssi, adotadas pelas religiões afro-brasileiras, e abordagens outras nesse sentido deveriam ser evitadas, segundo ele.

Por mais que houvesse alertado naquela primeira palestra aos compositores e provavelmente tenha ratificado sua proposta nos demais encontros semanais, quando os atendia individualmente no acompanhamento das suas composições, ainda assim alguns escaparam a essa orientação. Talvez levados por uma questão pessoal, pela sua própria crença de aquela subversão conotar ousadia e isto prevalecer. Quem sabe ainda, como pude apurar em várias discussões entre os próprios concorrentes, de aquela decisão do carnavalesco ser absurda, pois segundo eles, jamais se poderia falar de São Jorge no Brasil sem falar de Ogum. Seria omitir na história do santo a sua relevante história construída na religiosidade do povo brasileiro.

Polêmicas à parte, de concreto o que se viu no decorrer das eliminatórias foi a gradual desclassificação de todos os sambas nos quais constavam referências a Ogum. Dentre eles, um trazia a seguinte afirmação: “São Jorge é Oxóssi, São Jorge é Ogum”, e era este exatamente o grande concorrente que vinha crescendo ainda mais nas vozes de Tinga e Dominginhos. De acordo com o resultado, a aposta deles não fora aceita como acreditaram que poderia ser e a eliminação prematura causou grande mal-estar entre os envolvidos, além de grande surpresa para todos.

Passada a última fase de eliminatórias, ninguém que tivesse acompanhado a disputa tinha dúvida sobre o melhor samba. Pelo menos entre os quatro que chegaram até aquela final. E naquela noite, portanto, na voz inconfundível de Wander Pires, a composição de Edson Marinho, Adilson Alves, Jorge Xavier, André Félix, JB e Fabiano foi consagrada por uma quadra superlotada, que cantou e comemorou com grande euforia, no crepúsculo da manhã, a vitória dessa parceria.

Quando os clarins ecoaram anunciando a alvorada, após a oração conduzida por um padre que gentilmente se fez presente em momento tão inusitado, exatamente às cinco horas, a Estácio escolhia aquele que na perspectiva de seu idealizador, o carnavalesco Chico Spinosa, deveria ser o grande trunfo para o combate que se renunciava. A primeira escola, no primeiro dia de desfiles, teria que trazer a valentia e a fé iminentes ao santo guerreiro como atributos capazes de tornarem mais do que suportável, suplantável o grande desafio de estar retornando ao grupo especial e nele se manter.

Sou teu fiel seguidor, meu cavaleiro
 Por dia mato um dragão, sou brasileiro
 Estácio veste seu manto carregado de axé
 Salve Jorge, guerreiro na fé

A pé eu vou
 Empunhando a lança do santo guerreiro
 Sou eu mais um filho de Jorge nesta legião
 Herdeiro fiel vou seguir na missão
 Na Capadócia nasceu
 O menino lutou
 Enfrentou desatino do imperador
 O ser amado, admirado
 Invencível defensor

Estou vestido com as armas de Jorge
 Meus inimigos não vão me alcançar
 Tu és bondade pelo mundo inteiro
 Santo padroeiro igual não há

Rogar teus milagres em devoção
 Fazer a criança virar um leão
 Em proteção orai ao glorioso pai
 Mesmo da lua, por nós olhai
 Amanheceu, a alvorada anuncia
 Divina alteza, senhor da cavalaria
 Prepare o feijão
 É baiana põe tempero
 Dá no couro batuqueiro
 Pra minha Estácio de Sá
 Fazer da avenida seu altar

No dia em que divulgou o tema e entregou a sinopse, realizando a leitura do texto, a todo momento Spinosa salientava a necessidade de se eleger um samba que realmente pudesse, mais do que empolgar os foliões e as arquibancadas, levar para a Marquês de Sapucaí uma aura de luta, de fé e de amor. Atentos, os compositores presentes pareceram ter entendido bem o seu anseio e não faltou empenho de nenhum dos dezesseis participantes em tentar alcançá-lo. O resultado final, indubitavelmente, veio corroborar esse empenho e realizar o vislumbre do idealizador. O carnavalesco foi o responsável pelo único título no grupo especial da Estácio, conquistado em 1992, com o enredo *Paulicéia desvairada*, homenageando a Semana de Arte Moderna de 1922, e novamente contava com a confiança de todos na agremiação em obter sucesso.

Pois daquele instante em diante começava a contagem regressiva para o dia do grande espetáculo. Reuniões quase diárias envolvendo alas diversas, ensaios de passistas e de bateria, corrida para o apronto de fantasias e, no barracão, o trabalho dos artesãos e operários na confecção das alegorias. Em meio a essa agitação, os eventos. Shows de artistas consagrados, como Reinaldo e Alcione, além de feijoadas e muita cerveja, como atrativos para arrecadar fundos, imprescindíveis na reta final para financiar um grande carnaval.

Os dias que precederam o desfile foram sentidos à flor da pele por todos que de algum modo se viram envolvidos na produção de um grande carnaval capaz de assegurar, no ano seguinte, a escola no grupo especial. Após o último ensaio de rua passaram a ser entregues no barracão, na Cidade do Samba, as fantasias das alas da comunidade, obedecendo-se uma ordem preestabelecida. A julgar pelos ensaios, o que parecia determinante era a empolgação gerada pelo enredo, destacada na comoção de cada componente, embalados pela poderosa voz do intérprete Wander Pires e, sobretudo, pela irretocável bateria do Mestre Chuisco.

Aos que acompanhavam os ensaios, não restava a menor dúvida que aquele desfile na Sapucaí seria grandioso e comovente. Esta, aliás, era a proposta do Carnavalesco Chico Spinosa quando na entrega da sinopse aos compositores. Em suas palavras, o mais importante seria passar na avenida a grande fé que mobiliza todo devoto de São Jorge e a forma como essa fé seria transmitida por

cada integrante da Estácio, exatamente por estarem abrindo os desfiles do carnaval de 2016.

Como primeira escola a pisar na Sapucay, o desafio era de fato maior. Portanto, como antevira Spinosa, a escola precisaria de “um grande samba”, capaz de tornar aquela exibição digna de uma verdadeira festa, fomentada pela devoção ao santo guerreiro. Assim, contagiado, cada “estaciano” naturalmente potencializaria sua comoção emanando sua fé, estendendo essas vibrações ao público presente, que tocado de tal forma retribuiria positivamente.

Se a expectativa por um samba empolgante norteava o desejo do carnavalesco, a crítica o certificou de que ele havia conseguido atingir esta meta. O samba da Estácio despontou como um dos mais belos dentre os demais das outras agremiações. O apelo que trazia o enredo, fortemente sentido pela população do Rio de Janeiro, onde o grande sentimento gerado pela fé em Jorge tornou feriado o dia 23 de abril, foi determinante para esse sucesso. Faltava somente chegar o dia e o espetáculo ocorrer dentro das exigências. Junto a isso e principalmente, a escola conseguir atender às próprias expectativas.

O calor que se abatera sobre a cidade do Rio de Janeiro e especificamente sobre a Cidade do Samba produzia um misto de prazer e terror. A praça de alimentação era o ponto de maior circulação, onde visitantes e trabalhadores buscavam se hidratar com água ou outras bebidas geladas. No barracão de cada escola era possível ver partes de carros alegóricos que não se podiam esconder por tanta vultuosidade. Os operários em algazarra e o som das ferramentas e máquinas denunciavam um ritmo de trabalho menos intenso, e a aproximação do fim dos tantos dias trabalhados. Agora eram somente os últimos acertos para que tudo chegasse em plenas condições na hora do desfile.

Aquela semana anterior ao carnaval foi marcada por grande instabilidade climática, apesar do predominante calor. E, conforme as previsões, havia a probabilidade de chuva durante o período de festas, podendo se estender o mau tempo por até mais alguns dias. Tal possibilidade se acentuava em virtude da credibilidade adquirida pelas fontes de serviço meteorológico, cujas estimativas informadas diariamente e propagadas pelos veículos de comunicação alcançavam um percentual ínfimo de erro em tempos recentes. A cada dia essa possibilidade

era reforçada e criava uma onda negativa quanto à perda de beleza e de qualidade que teriam as escolas desfilando debaixo de chuva. No ano anterior algumas delas já haviam passado por essa experiência.

Tanta expectativa trazia grande aflição para todos envolvidos em evento tão grandioso, cujo resultado de tanto brilho e cor pode ser seriamente comprometido. Tantas outras adversidades podem ser contornadas, entretanto um fenômeno da natureza não se pode evitar. Restou apenas aguardar e torcer para que desse tudo certo. E deu. Durante todo o carnaval nenhuma gota sequer despencou do céu, como se as tantas orações que certamente a ele foram dirigidas tivessem sido atendidas.

O grande palco estava pronto, a plateia preenchia todos os lugares e a iluminação tornava a cena clara como dia. Na concentração os últimos ajustes em fantasias, destaques sendo içados aos seus lugares no alto dos carros alegóricos, um corre-corre frenético de diretores de harmonia por todos os setores das diversas alas e, finalmente, o locutor oficial anuncia a primeira escola a entrar na avenida. Os aplausos das arquibancadas contaminaram os componentes que retribuíram com gritos de empolgação, enquanto se cumprimentavam e se instigavam para o grande combate que iam encarar.

Pelo sistema de som eram conduzidos ao público e aos componentes formados na concentração o discurso do presidente Leziário Nascimento e, na sequência, o tradicional grito de guerra do intérprete Wander Pires: “A hora é essa!”. Imediatamente passaram a vibrar freneticamente as cordas dos cavaquinhos e violões, embalando a voz do cantor, quando o intenso foguetório acabou de incendiar os “estacianos”, que cantando emocionadamente o seu hino foram avenida adentro como guerreiros.

Última ala da escola, a dos compositores vinha elegantemente de branco com uma capa encarnada, num traje que sugeria um uniforme de gala, e seus membros traziam cada qual uma rosa para ofertar a alguém do público. O exigente e exaltado Soneca, presidente da ala, numa breve, mas contundente provocação fez aglomerar aos berros em torno de si os demais compositores. Gesticulando e forçando ao limite a voz naturalmente rouca, alertava que ninguém deveria se desfazer da fantasia após o desfile, porque todos estariam de volta no desfile das

campeãs, no sábado seguinte. Contagiados, todos se cumprimentaram e aquela previsão mostrava-se realmente possível de ser alcançada. Além do desejo de cada um deles havia uma atmosfera bastante favorável, que podia ser sentida já na concentração, no contato entre os integrantes e o público do outro lado da tela divisória.

Naquele último bloco ninguém escondia a ansiedade em contribuir com a exibição que boa parte da escola já havia produzido. “Tão quebrando tudo lá na frente”, gritava eufórico o Fernandão, filho do lendário Djalma das Mercês. Os olhares tentavam buscar sem êxito o que acontecia lá na frente e o desejo de ver a passagem da escola só se realizaria quando chegasse o momento deles.

A entrada no setor inicial causava uma onda de euforia ainda maior, diante da extensão e da tão clara avenida que se oferecia. O calor das luzes, mas principalmente o das arquibancadas, que literalmente atingia aqueles corpos, neles se traduzia em formas diversas de expressão. O brilho do suor, o brilho no sorriso, os gestos e movimentos pensados ou não. A entrega das rosas, escolhas feitas ou dadas aleatoriamente. Sentimento à flor da pele, pouca razão, muita emoção.

Ao fecharem o desfile, puderam estes integrantes confirmar o impacto deixado pela Estácio na avenida e o êxtase instaurado entre público e foliões. E era exatamente do público que vinha a resposta pela emanção de tamanha energia gerada pelo canto, pela dança, pela pujança da bateria e a fé de tantos devotos. Não havia outro sentimento que não fosse de confiança. Não só por parte da escola, mas pela avaliação dos críticos de imprensa e da própria população que acompanha os desfiles das escolas de samba. Mesmo sabedores que uma colocação de destaque seria difícil, pelas limitações as quais estão sujeitas uma escola de recente acesso ao grupo especial e ainda em fase de reestruturação, ainda assim, imaginava-se a sua justa manutenção no grupo para o ano seguinte.

Estava aberto oficialmente o desfile das escolas de samba de 2016. A Estácio havia deixado para trás uma avenida vazia, mas as arquibancadas incendiadas. Numa das falas do carnavalesco Chico Spinoso, quando na apresentação do enredo, era mais do que desejo seu, e sim meta a ser atingida, de que a Estácio deveria abrir os desfiles com o propósito de não ser apenas a

responsável pela abertura oficial da passarela. Maior de que esta missão, importava levar para a avenida toda fé em Jorge e fundamentalmente o “axé”, a energia imprescindível para reinar naquele terreiro enquanto durassem os desfiles de todas as demais escolas.

Mais do que um desfile pautado na estética de fantasias e alegorias, na disciplina de harmonia, na técnica ou na habilidade de todos os segmentos e integrantes responsáveis na soma das notas, haveria de predominar o espírito sobre os corpos em cena. Essa era a aposta de Spinosa para fazer a diferença. O trabalho do barracão fora feito com conhecimento e dedicação incontestes, mas ele jamais escondeu que seu grande trunfo residia num elemento tão abstrato quanto poderoso: a fé.

Quem assistiu à passagem da Estácio naquela noite não teve dúvidas de que esse êxito fora alcançado. Quem se alistou naquele exército vermelho e branco para defender a bandeira que trazia um leão, e se voluntariou para aquela lida, bravamente lutando “com as roupas e as armas de Jorge”, esse combatente também não tinha dúvida. O que entregara de si no campo de batalha dava-lhe a certeza de vitória, que se estampava no olhar dos que o saudavam e se fazia refletir no seu próprio olhar.

No entanto, o olhar dos jurados não enxergou o espetáculo gerado pelos “estacianos” com os mesmos olhos destes. Iniciada a apuração, as notas dadas a Estácio nos cinco primeiros quesitos, que na ordem foram Samba-Enredo, Enredo, Comissão de Frente, Fantasia, Mestre-Sala e Porta-Bandeira a mantiveram pelo período correspondente ao julgamento de tais quesitos em penúltimo lugar. Mesmo em posição tão vulnerável, ainda assim ela se garantia no grupo especial, apenas um décimo à frente da concorrente direta, a União da Ilha do Governador. Até que o sexto e o sétimo quesitos oficializaram o inacreditável. O descenso dos guerreiros de Jorge decretado naquele combate fora tão incompreensível quanto estarrecedor. Logo ele, que nunca perdera uma batalha. Três décimos em Harmonia, cinco em Evolução e depois mais um em Alegorias e Adereços determinaram a diferença de oito décimos a menos com relação à escola da Ilha do Governador.

Naquela triste tarde de dez de fevereiro, a quarta-feira de cinzas, mais do que nunca, proporcionou à vermelha e branco de tanta tradição o sentimento de desaquecimento de um trabalho gerado a partir do empenho de tantas mãos e mentes, cuja certeza de não cair mantinha-se incandescente no íntimo de cada um. Agora era inspirar-se nos versos do filho ilustre, o moleque atrevido do São Carlos, e tê-los como alento.

“Começaria tudo outra vez
Se preciso fosse, meu amor
A chama em meu peito ainda queima
Saiba, nada foi em vão”

Certamente que não foi nem jamais teria sido em vão. Tudo o que ocorreu no decurso daquele ano, todas as experiências e apostas, todas as ações e o que não fora realizado por um ou outro motivo, tudo que gerou polêmica ou concordância, gerando animosidades ou aproximações, “nada foi em vão”. Como qualquer ambiente social em que se põe em contato olhares e atitudes diversas, o resultado será sempre conflituoso. No entanto, é dessa mesma diversidade e desse mesmo conflito que se pode alcançar o ponto de equilíbrio de todas as forças, em prol do bem comum. Por pura coincidência ou alguma sugestão dos bambas, encarnados ou não, já no mês de março de 2016 fora anunciado o enredo para o carnaval de 2017: Gonzaguinha.

“(…) vida, vamos nós
E não estamos sós
Veja meu bem
A orquestra nos espera
Por favor, mais uma vez
Recomeçar...”

Daquele momento em diante uma nova página passava a ser escrita e certamente novos atores e autores iriam contribuir com suas marcas. Bastava aguardar o decorrer de mais um ano, em que não faltaria trabalho nem muito menos a perene capacidade de sonhar.

4.2. Outras vozes

Numa festa da ala dos compositores uma voz feminina assumia o microfone e anunciava toda a programação daquele domingo. Além de dar todas as informações cabíveis ao evento, ainda incrementava o ambiente com sua euforia, inegavelmente adoçada pelo tom feminino. Eu conhecia naquele momento Marlene Moura de Carvalho Araújo, a Marlene Povão, como ela mesma se apresentara a mim. Uma senhora que apesar da idade avançada (nascida em 04/10/1938) comandava a festa com autoridade e alegria, atributos imprescindíveis aos bons apresentadores do gênero. Gentilmente, entre uma atração e outra, sentava-se comigo para prosseguirmos uma agradável conversa, que para mim muito mais era a sua contribuição em narrativa. “Eu estava na quadra do Fala Meu Louro (bloco carnavalesco do Santo Cristo), aí o presidente que era o Antônio Gentil, disse: vem cá, menina. Vou levar você pra minha escola pra ser divulgadora, você aceita? Eu disse, claro!”.

Ela contou que no momento de sua chegada à Estácio a ala das baianas estava um pouco abandonada, sem muita ação por parte do presidente de ala. “Elas ficavam assim, num canto, não tinham nada. Eu disse: eu sou chata, eu sei do que vocês precisam, vocês confiam em mim?”. Então, como mais um desafio em sua vida, assumiu o posto. Segundo Marlene, a ala estava muito carente de estrutura e ela se reuniu com o grupo para contar com o apoio de todas. Segura da confiança delas foi ao então presidente Acyr Pereira Alves sugerir as mudanças que julgava necessárias, ao que o mesmo lhe deu carta branca para promover as melhorias que desejasse em prol das baianas.

O ápice de sua gestão chegaria com o carnaval que se sagraria histórico para a escola, o carnaval de 1992. Marlene conta que mais uma vez se fechou com suas baianas. Foi ao mestre de bateria Ciça e o informou de que havia preparado um trabalho com as baianas em que elas não ensaiariam com a bateria, apenas ensaiariam canto. Realizavam ensaios todos os domingos na Rua Miguel de Frias, até o momento em que se apresentaram em ensaio geral, dias antes do desfile, e o fizeram impecavelmente. “Eu disse: Ciça, estamos preparadas!”. Com a bateria silenciada, somente as vozes delas ecoavam com desenvoltura e harmonia,

causando imensa comoção no próprio mestre, que teria confessado à Marlene ter gravado aquela exibição. Finalizado com êxito, o trabalho certamente fora coroado como grande contribuição para a conquista daquele carnaval, ainda que a ala de baianas não seja critério direto de pontuação.

Marlene confessa que em sua ala de baianas primava pela presença de mulheres negras, sobretudo à frente da ala. Sem muitos melindres ela é tenaz em afirmar sua preferência: “eu gosto é de baiana preta, na frente, tudo preta, as pretas lindas do São Carlos.” Segundo ela, é pela atitude que sempre ostentou desde que se irmanou à escola, que conta com o respeito de todos os segmentos internos, bem como é tratada no Morro com grande carinho e igual respeito. “Eu subo lá naquele Morro, pareço presidente da república... mas não esses de agora, não!”. Em sua rápida correção não pude também esconder o riso e a clara compreensão de sua comparação.

Aquela senhora de alta idade estava ali na quadra, volta e meia abraçada por um e outro, fantasiada como uma oficial militar, uma comandante da festa, transmitindo bem mais que a programação, toda a energia que seu coração pode produzir. Seu amor confesso pela escola e pela comunidade, da qual ela nem é oriunda, em nenhum momento deixam de estar à prova. Marlene é do Santo Cristo, não tão distante em nada, do outro lado do mangue, mas cerca de três décadas de Estácio já lhe conferem uma justa cidadania “estaciana”. A poucos meses do carnaval de 2016, ela esbanja entusiasmo para falar do enredo sobre São Jorge, do carinho pelo presidente Leziário Nascimento, a quem se referiu como “maravilhoso, uma pessoa muito honesta”, e se declarando abertamente: “adoro esse preto Leziário”. Revela confiança em um grande carnaval e encerra me agradecendo pela “entrevista”.

Aquela festa também me apresentaria uma outra personagem que eu já observava mas até então não havia preparado uma aproximação. Logo ele, que como presidente da ala dos compositores, sempre tão próximo estava, embora ao mesmo tempo me parecesse tão evasivo. O paradoxal apelido de Soneca designava um sujeito inquieto, falante, exibindo quase sempre uma expressão ostensiva, questionadora. Talvez isso dificultasse o contato, mas passei a observar mais do que suas expressões e o que dele era falado. Nas reuniões que se

realizavam nas quartas-feiras, invariavelmente às dezenove horas ele já se encontrava no centro da mesa aguardando os demais compositores. Ao seu lado o equilíbrio de semblante era proporcionado pelo seu vice-presidente, a plácida figura de Márcio de Oliveira, ou simplesmente Marcinho Poeta. Jornalista, poeta e sambista a serviço da ala dos compositores, realmente um nobre auxiliar de Soneca no exercício de sua gestão como presidente. E foi naquelas reuniões que confesso me encantei por aquela figura tão contestada por tantas pessoas com quem conversei. Tempos depois ele me diria: “Falam que eu sou brigão, mas eu nunca cheguei chutando mesas, agredindo ninguém. Apenas faço algumas perguntas que não querem me responder e dou respostas que não gostam de ouvir”.

O raciocínio rápido para articular suas palavras traduz o perfil deste “estaciano” convicto que mesmo nascido na Rua São Carlos, a 04 de novembro de 1951, “perto da pedreira”, é avesso ao pensamento de muitos que segundo ele se mantêm arraigados a uma tradição de samba do Morro, ou às escolas do Morro, quando na verdade ele vê nessa postura um retrocesso. “Isso é ignorância. O Morro tinha suas escolas, sim, mas tudo aqui é Estácio, a gente tem que fortalecer o Estácio, a história dele, a escola de samba que é a única coisa importante que o bairro tem”.

Sérgio da Silva Nascimento revela que o orgulho em ter nascido em um bairro de tanta história ao mesmo tempo lhe provoca certa irritação com o que ele considera “falta de interesse do povo daqui” em buscar reconhecimento histórico e a preservação da memória do lugar. “Aqui, se derruba um monte de casas antigas, se constrói um prédio desses aí, e ninguém faz nada. O Estácio tá morrendo, não tem mais nada aqui.” Outro grande orgulho que carrega para toda a vida é de ser um dos autores de um dos sambas mais cantados não só na Estácio, mas em diversos outros espaços de samba, como um hino de exaltação à escola e ao amor. “Esse samba não é mais meu, já foi, agora é de todo mundo e essa é a maior alegria”. Da parceria com Jair Guedes, Toninho Gentil, Jorge Magalhães e Marcelo Luiz brotou este que já pode ser considerado um clássico na história dos sambas de quadra, consagrado em cada “esquenta” que se realiza nas vozes de intérpretes, em várias agremiações.

“Pavilhão do amor”

A saudade apertou
 E eu voltei, e eu voltei
 Pra ficar ao teu lado (oba, oba)
 Dá um nó na garganta
 Meu peito se zanga
 É sentido calado (pois é, pois é)

Mas corre nas veias
 Esse sangue vermelho
 Que me faz explodir (que me faz, que me faz)
 Seu branco é encanto (bis)
 Eu visto esse manto
 E vou por aí (a Estácio é isso aí).

A esperança continua
 Amor, amor, amor
 Sou seu poeta pelas ruas
 O meu coração se abriu em flor (bis)
 Tu és o pavilhão do amor!

Certa vez o vi reclamando da quantidade de compositores que constavam em sua lista de inscritos para o desfile e quantos compareciam às reuniões ou simplesmente cumpriam com os pagamentos das cotas. “Cadê? Eles vêm aqui, botam samba, não ganham e somem, só ficam quando ganham”. Sua crítica é direcionada àqueles grupos aos quais me referi como “firmas” que agem em diversas escolas e no final não mantêm afinidade com quase nenhuma delas. “Mas eles não estão errados, não! Errado é quem traz eles. A carniça é que traz a catinga!”, filosofava exaltado o presidente, se referindo a pessoas da escola, que às vezes não escrevem uma linha sequer de um samba, mas se unem a estes grupos servindo-lhes apenas com o nome, pelo fato de serem da comunidade. Internamente eu considerava sua teoria, mesmo entendendo – e ele muito mais – que se trata de um processo cada vez mais comum naquele universo.

Num desses encontros semanais, um rosto novo surgiu e levantou uma questão interessante, causando surpresa entre os presentes. A reação de sua proposta foi da tímida aceitação para a não manifestação, cuja compreensão que tive foi de pouco interesse da maioria em apenas simplesmente tentar. Márcio Dias tem uma história singular, como mais tarde ele me diria no botequim do Jorge. Sua proposta para a ala dos compositores era a produção de um CD com músicas inéditas de cada autor, a partir de uma seleção interna, com cada qual assumindo seu custo pela própria música. “Eu não consigo entender como uma ala

que eu imaginava tão forte não ter um trabalho assim”. Sua leitura daquela ala foi exatamente a mesma que eu havia feito alguns anos atrás, quando me vi nela inserido pela homenagem prestada à Velha Guarda. A própria reclamação de Soneca quanto aos compositores de ocasião que só aparecem para disputar sambareredo, vai ao encontro da reação nada entusiasmada dos que ouviram a proposta de Márcio Dias. Atualmente – e já há algum tempo – não há vida, não há produção naquela que deveria ao menos tentar honrar os precursores compositores do passado.

A bem da verdade, não faltam compositores do Estácio produzindo samba. César Veneno me confessou que tem sua vida mais voltada para o Salgueiro, mas que foi ali que ele começou. “Foi aqui que eu comecei minha história”, história que lhe rendeu sucessos como “Cadê Ioiô”² e vários outros sambas de reconhecido valor entre o público, pela sua ou pela voz de outros intérpretes. O também músico Alexandre Morais, que iniciou sua trajetória no Estácio no início dos anos noventa, com a escola mirim Sementinhas do Estácio, é outro que já conquistou vários sambas na Beija Flor de Nilópolis e na própria Estácio, além de ter seu trabalho individual como produtor e com um grupo musical. Sem contar com Márcio Wanderley, pessoa encantadora e respeitável músico no cenário artístico nacional, posto conquistado com muito estudo e dedicação em anos de trabalho com grandes artistas do samba. “Só com a Beth Carvalho já são mais de 17 anos” afirma ele. Nascido no alto do São Carlos, em uma família de músicos, ele me conta que ao chegar à Estácio ninguém o compreendia, “porque eu tocava cavaco com afinação de bandolim, eu era o pior daqui”, fala entre risos. Em seu começo de vida profissional passaria por algumas situações embaraçosas como errar por nervosismo ao gravar com Marçal, fato que também aconteceu numa gravação de Almir Guineto, que ele considera seu batizado de fogo. “O pessoal ficava comentando no estúdio sobre quem iria fazer o cavaco, pois o Mauro Diniz não estava lá, nem o Alceu Maia, que eram os tops. Na verdade era uma pilha por eu ser novo, ninguém me conhecia e realmente travei. Mas depois não errei mais e tô aí até hoje”.

² <https://www.vagalume.com.br/cesar-veneno/cade-ioio.html>, em 12/03/2017.

Enfim, não faltam músicos, compositores nem produção. O que parece não funcionar é a coletividade, um trabalho em comunhão, algo que se pode imaginar utópico em tempos de individualização generalizada. Mas o Márcio Dias que até então ninguém conhecia na ala, tinha algo novo a propor nesse sentido.

A formação de família evangélica nunca o impediu de frequentar ensaios na quadra da escola, nem de desfilas, o que ele afirma ter feito naturalmente. Até porque era na própria quadra da escola de samba que recebia aulas de educação física, quando na escola primária. Mas uma entrevista de Hermeto Pascoal em um programa de televisão mudaria sua vida, em que este chamava à atenção para a sonoridade melódica transmitida na fala de cada pessoa, em cada palavra pronunciada. Diante da aula prática promovida pelo músico com a plateia e com o próprio apresentador, Márcio se encantara com a descoberta e passou a praticar solitariamente o aprendizado. Foi o gatilho para suas primeiras composições, ainda no gênero gospel. Produziu então o trabalho de uma cantora do gênero como forma de introduzir suas canções e deu certo, pois foi exatamente a sua faixa que mais se destacou no espaço em que ela se lançou. Depois, porém, se desiludiu um pouco com o universo que julgava isento de maracutaias e passou a compor músicas “do mundo”. Foi aí que numa certa manhã fora abordado na rua por um vizinho, que apesar de conhecê-lo de vista nunca haviam se falado. Este lhe contara sobre um sonho que tivera naquela noite, em que ambos compunham um samba em parceria para disputa na Estácio e saíam vencedores do concurso. “Achei tudo aquilo muito louco, mas acabamos nos tornando parceiros num samba e entramos na disputa”. Ele e o parceiro Luís Reis, somente os dois, sem experiência e carentes de estrutura mínima, viram a corda do cavaquinho do seu contratado arrebentar em plena execução, enquanto os dois se esforçavam para cantar, sem o menor domínio daquela tarefa. “Fomos eliminados no primeiro corte, lógico, mas valeu. Agora eu já tenho noção do que é aquilo”.

Muito mais do que adquirir experiência numa disputa de sambas, cujo resultado nem sempre é satisfatório – aliás, na maioria das vezes pode ser frustrante – serviu mais a sua chegada à escola e à ala em especial, pelo pensamento transformador e o seu desejo de mexer naquela água estagnada, fazê-la gerar ondas, brilho, vida. Fazer girar o moinho de sambas, que gera a energia do compositor. Márcio Dias representa aquilo que em outra perspectiva sucede o

luto, no caso pela perda de nomes reverenciados, cuja transitoriedade imputa tão profundo quanto incompreensível sofrimento. Enquanto se lamentam e não concebem a perda, estranham e não se seduzem pelo novo, podendo inclusive rejeitá-lo.

Uma surpreendente aparição no quadro de concorrentes para o carnaval de 2016 foi o cantor e compositor Daniel Gonzaga. Herdeiro do nome e da arte de dois dos mais geniais músicos brasileiros da história, este artista conseguiu com sua parceria chegar à final daquela disputa que tinha São Jorge como tema. Tendo mais outros três sambas como adversários, por resultado assistira ao triunfo de Edson Marinho e seus companheiros. No ano seguinte em parceria com o mesmo Marinho, no enredo que tinha Gonzaguinha como tema, ganharia a disputa, valendo ao menos como uma homenagem pessoal à memória do pai, porquanto fosse questionada a vitória do seu samba. Contestações à parte o hino foi para a avenida, mas lamentavelmente nem mesmo o “guerreiro menino” pode resgatar para o grupo especial a tradicional vermelha e branca do Estácio.

Quando já em fase de encerramento deste trabalho, conheci algumas personagens que julguei serem necessárias as suas inclusões neste texto. Um grupo de pesquisa coordenado pelo jovem Yuri Eiras faz surgir em cena alguns dos esquecidos membros da escola. Antes dela, aliás, pois estes senhores chegaram a desfilar por Cada Ano Sai Melhor, Recreio de São Carlos e Paraíso das Morenas. Empenhados no nobre desejo de construir um acervo histórico da escola, o grupo realizou um primeiro encontro com alguns desses senhores, dentre os quais Adilson de Almeida e Almir Sapo, além de Tia Chimbinha e Tia Waldice. Participaram ainda o jornalista Marcelo Reis e a última criadora desse mesmo acervo, Simone Pinto. Além destes, estive no local, mas não se deteve por muito tempo, o casal Conceição e Nilton. Este, inclusive, demonstrando certa irritação em não poder ficar porque havia sido pego de surpresa, tomando conhecimento do encontro por outras pessoas, sem que tivesse recebido algum convite direto. Ao me aproximar de ambos que já se retiravam da quadra, mesmo sem me conhecer ele desabafava que aquilo estava errado, “ninguém lembra da gente” e me desafiava a perguntar quem eles eram a qualquer pessoa da escola, que realmente trabalhasse e vivesse para a escola. “Quem é da escola conhece a

gente, mas tem um monte de gente que chega hoje e quer mandar sem saber nada, nem respeita ninguém!”.

Há mais de quarenta anos casados, os dois foram responsáveis por décadas de produção de fantasias, adereços, alegorias e tudo o mais que envolvesse o carnaval, desde os tempos das escolas do Morro. Segundo Nilton, eles faziam de tudo dentro da escola sem nunca receberem nada por isso. “A única coisa que nós ganhamos foi viajar com a escola para os Estados Unidos, quando fomos campeões em 1992.” D. Conceição lamentava-se comigo o fato de ter mantido com ela por tanto tempo a primeira bandeira da escola e de após tê-la cedido para a lojinha do acervo cultural, ter-se perdido o histórico estandarte, como tudo o mais que naquele acervo existia.

A lojinha a qual D. Conceição se referia foi resultado de trabalho similar ao de Yuri Eiras, realizado nos anos iniciais de 2000, por Simone Pinto. Esta mulher que se diz apaixonada e cria da Estácio, conta que organizou um grupo àquele período para reunir todos os documentos possíveis, a fim de compor um grande acervo histórico da escola. Naquela mesma época foi produzido com o empenho desses voluntários o filme *O rugido do Leão*. No entanto, depois de estruturado o acervo, foi solicitada aos organizadores a retirada de todo o material da loja, para que ela desse lugar a uma enfermaria. A lojinha que ficava do lado esquerdo, logo após a entrada da sede, seria reinstalada em outro lugar. Simone conta que tudo foi retirado à revelia, sem o menor cuidado. Nesse descaso com o árduo trabalho realizado até ali por aqueles pesquisadores e mais ainda com a memória da própria escola, ninguém sabe por onde anda tudo o que se apurou, como fotos, filmagens, fantasias, troféus e outros documentos históricos. Ao que tudo indica, Yuri terá bastante trabalho.

Das duas senhoras que ao encontro compareceram apenas uma falava. Waldice contou que ainda menina queria desfilas no domingo de carnaval pela Cada Ano Sai Melhor, mas corria “a época pelo Morro que quem não fosse batizado e brincasse carnaval corria risco de se transformar em mula-sem-cabeça. “Pois no sábado eu fui numa igreja, lá no Rio Comprido, me batizei, e no domingo eu tava lá desfilando!”. Aos presentes coube o riso com a história daquela senhora de 80 anos.

Ao encerramento do evento me aproximei de cada uma delas e a que se manteve calada por todo o tempo me confidenciou que estava com um problema na garganta. “Eu falei pra Waldice que quando eu tivesse que falar alguma coisa era pra ela falar por mim, sabe! Não tô com a garganta boa!” No fundo eu achei que fora só um pretexto por pura timidez, pois comigo ela foi bastante solícita e falou com tranquilidade.

Como uma experiência final, antes da entrega definitiva deste trabalho, servi-me de tal encontro para pontuar algo que ficou em aberto nas declarações, tanto do Seu Firinho, quanto do Seu Adilson: a afirmação de que o Morro era matriarcal. Entendo que a definição de matriarcal para esses senhores passa pelo papel das mulheres como aquelas que davam o suporte para que os homens cumprissem com o que lhes fosse devido cumprir. Após anos tentando encontrar as tais senhoras que correspondessem a esta hipótese de matriarcado no Morro, apenas o nome de tia Alice era ventilado por alguns e ainda assim, sem muita precisão quanto ao seu estado. Além dela, mesmo outras citadas ao longo deste texto estiveram sempre associadas a nomes de homens, como mães ou como esposas. A única citada por mim e que não se enquadra neste perfil, não é natural do São Carlos, nem faz parte da história do Morro, que é Marlene Povão. Portanto, sinto-me até contrariado em não concordar com a ideia de matriarcado, embora compreenda como ela se processa na leitura do Seu Adilson e do Seu Porfirio. Compreendo a valorização que eles atribuem – e de forma justa – às mulheres que com seus pais construíram a história do Morro e das agremiações carnavalescas. No entanto, embora tenham elas desenvolvido papéis preponderantes, ainda assim eram os homens quem sempre estavam à frente de tudo, presidindo as escolas, sendo lembrados em primeira instância e realmente figurando como portadores da voz da comunidade e da escola.

Nesse último encontro, após longo período pelo Estácio e pela Estácio, foi que consegui conhecer Waldice Rodrigues de Souza, 80 anos e Ionice Soares da Silva, a Chimbinha, 85 anos, que entrou e saiu da mesa sem nada pronunciar, enquanto o Seu Adilson, principalmente, concentrava o tempo maior de fala. De qualquer modo, fica registrada a versão deles de que eram as mulheres que comandavam as ações no Morro, numa romântica hipótese de um São Carlos matriarcal, mas fica também a minha impressão discordante dela.